

Nossa economia acerbamente comentada no exterior

Eurico Penteado

Para quem observa, por dever profissional, o desenrolar de nossa presente crise econômico-financeira, é tarefa das mais penosas a leitura de análises e comentários de publicações especializadas internacionais sobre nossos problemas. O pessimismo só não é generalizado porque é unânime; e só não é enorme porque não podia ser maior.

Ao que parece — e sob seu aspecto internacional —, jamais tivemos crise de tal porte, desde que o príncipe-regente D. Pedro, ao acercar-se das margens plácidas do Ipiranga, recebeu insólitas ordens da Corte de Lisboa e a elas reagiu de forma adequada.

Realmente, em drástica discrepância com as previsões róseas, as metas ousadas e as conclusões jubilantes mancheteadas por nossos ministros de Estado, os analistas americanos e europeus timbram em reservar às nossas dificuldades econômico-financeiras (e até sociais) seus títulos mais derrotistas e seus vaticínios mais céticos. Vejamos alguns deles:

A publicação londrina "Latin America Weekly Report", de 7 de corrente, abre sua primeira página com uma análise de nossa situação, sob este título nada alentador: "Brazil forced into moratorium". Mas, se o Brasil foi efetivamente acuado à moratória pelo grupo de seus credores insatisfeitos, não é essa a notícia que os brasileiros ouvem e leem diariamente, oriundas das mais altas fontes governamentais.

O mesmo semanário inglês, da mesma data e na mesma primeira página, observa que o Brasil não conseguiu aprovação de sua proposta de reescalonamento da dívida, sem declarar-se em moratória. Agora, dentro dessa mora-

tória, temos prazo até 1º de março para que o FMI aprove nosso plano.

Essa aprovação — sempre de acordo com a fonte que estamos citando — é tida como assegurada, porque a alternativa seria a insolvência. Quem o afirma é o diretor do departamento exterior de nosso Banco Central: "Se a esse tempo (1º de março) a proposta não for aceita pelos bancos e se o FMI não tiver aprovado nosso pedido de assistência, então o País será compelido a declarar-se insolvente". (Tais palavras são tradução literal da citação feita pelo "L. A. Weekly Report", mencionada acima.)

A revista "Time", por sua vez, em sua edição de 10 do corrente (página 5), coloca-nos em deplorável 1º lugar entre os grandes devedores do mundo em fins de 1982: nada menos de US\$ 87 bilhões, seguido pelo México (US\$ 80,1 bilhões) e pela Argentina (US\$ 43 bilhões). Aliás, o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, declarou a 22 do corrente que a dívida externa brasileira em 31.12.82 era de US\$ 80,9 bilhões, mas que nesse total não se incluiam "os compromissos dos bancos brasileiros com agências no exterior".

Releva notar, porém, que o serviço da dívida externa (juros e amortizações) absorverá em 1983 nada menos de 117% do total das exportações brasileiras, mas, no caso mexicano, a exigência será de 126% e, no argentino, de, "apenas" 153%. Se mal de outrem pode ser consolo...

Ainda outro semanário londrino, "Regional Report", em sua edição dedicada inteiramente ao Brasil (7 do corrente) abre sua primeira página com esta manchete: "O Brasil enfrenta sombrias perspectivas de comércio em 1983". E, duas páginas adiante, estoutra, ainda mais vistosa: "O governo (do Brasil) em face de um difícil futuro".

Tais comentários — e dezenas de outros de igual nível — têm evidentemente procedência que, até certo ponto, parece óbvia. Não menos óbvio, porém, é que pecam pelo exagero, quanto, em busca do sensacionalismo, consideram apenas o aspecto negativo da conjuntura.

Nenhum deles menciona sequer uma das várias (e algumas enormes) potencialidades do Brasil, não retóricas, mas reais e comprovadas.

Já o dissemos por estas colunas, mas não é demais repeti-lo: cremos que temos demonstrado nossa capacidade de explorar adequadamente as enormes possibilidades de que dispomos.

Entre 1970 e 1980 o valor de nossa exportação de café elevou-se substancialmente, passando de US\$ 982 milhões para US\$ 2,77 bilhões (o recorde de todos os tempos), o que representa crescimento de US\$ 1,79

bilhão, ou 182%. Mas, nesse mesmo curto interregno, o valor total das exportações brasileiras passou de US\$ 2,74 bilhões para US\$ 20,13 bilhões, o que mostra crescimento espetacular de US\$ 17,39 bilhões, ou 635%.

Para apenas onze anos a evolução foi dramática, talvez sem precedentes nos anais da economia mundial. E é justo realçar que esse tremendo esforço de diversificação de nossas exportações não negligenciou o café, isto é, não se

guiu a ominosa solução preconizada pelo então e atual mentor de nossa economia: "Substituir as exportações de café pelas dos minerais e artigos manufaturados". Felizmente, fizemos algo mais inteligente: adicionamos as três, uma vez que nenhuma delas interferia com as outras.

Positivamente o velho Campos Salles tinha razão (e ainda maior razão tem hoje), ao dizer que "a única coisa de que o Brasil precisa é de administração".